



Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Terra Queimada no Antropoceno

Tendo focado o mar no mês passado, viramos agora a nossa atenção para a terra, na sequência da terrível tragédia dos incêndios que ceifaram vidas e devastaram terras no continente português.

Subjacente ao que se tem dito e escrito sobre esta desgraça, está a relação das pessoas com a terra que as criou e formou, e com a natureza que as rodeia e sustenta.

No campo simbólico assenta a ligação à terra, a forma como pensamos o mundo natural que nos rodeia. Neste âmbito, por exemplo, falamos do “torrão natal” e do “lugarejo” termos que expressam a relação de proximidade que nos leva a identificar o lugar com quem somos.

Todavia, no campo material jaz a terra “pura e dura” – os campos e as florestas que poderemos visitar num ameno passeio, mas que basicamente abandonamos e esquecemos, envoltos que estamos pelas paisagens urbanas e vidas cidadinas.

E., segundo especialistas, o campo em Portugal está muito mais sujo do que as cidades. Camufladas pelas silvas, arbustos e vegetação, existem milhares de lixeiras clandestinas, amontoados de madeiras de obras, eletrodomésticos abandonados, mobílias antigas, colchões e roupas velhas, papelão e plásticos de toda espécie, etc.

Estes montes de lixo juntam-se à abundância de vegetação em matas e florestas que carecem há muito de uma limpeza eficaz, e o cenário está montado para incêndios de grandes proporções.

Não podemos viver na nostalgia da paisagem rural sem olhar “com olhos de ver” os abusos a que muitos de nós temos sujeito a terra nesta era do Antropoceno. ♦

Concentração LGBT Assinala a resistência e direitos

17 de Junho, Angra do Heroísmo-concentração de apoio à comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais)

ALEXANDRA MANES
ORGANIZAÇÃO DA CONCENTRAÇÃO LGBT

A primeira Marcha do Orgulho deu-se em Nova Iorque, no dia 28 de Junho do ano de 1970.

O evento marcava o primeiro ano da Batalha de Stone Wall, que era um bar frequentado por gays, lésbicas e travestis e que era alvo de rusgas frequentes, em que se registavam muitas detenções.

O ano de 1969 fica na história do movimento LGBT devido à resistência que foi feita à polícia, marcando e motivando, em todos os inícios de verão, paradas e marchas pelo mundo inteiro.

Desta forma, a concentração em Angra do Heroísmo, surgiu no âmbito de várias iniciativas que ocorreram por todas as regiões do país, que, este ano, se centraram na exigência da inclusão da identidade e expressão de género no artigo 13.º da Constituição e na luta contra a classificação da diversidade de identidades transexuais como patologias.

Quarenta e cinco anos depois de ter sido despatologizada a ho-



Na Praça Velha. Concentração de apoio à comunidade LGBT: lutar por direitos, combater a homofobia e transfobia

mossexualidade, continuamos a assistir ao facto de que a autonomia das pessoas trans, na livre vivência dos seus corpos, continua restringida pelo controlo médico.

Não nos podemos conformar com a discriminação que persiste, na Região. E, como tal, estive na concentração com o objetivo de lutar por toda a diversidade. Pelas pessoas trans, intersexo, lésbicas, bissexuais, gays, assexuais, pessoas que têm dife-

rentes modelos relacionais e familiares, pessoas aromânticas, pessoas que estão em relações poliamorosas e não-monogâmicas consensuais.

Pessoas com Direitos inalienáveis. Estive presente, dando o rosto na organização e na concentração, com a certeza de que há muito pelo que lutar naqueles que são os direitos de todas as pessoas, combatendo a homofobia e a transfobia.



Junho 2017

Janela sobre o passado...

Nos anos que antecederam a

I Guerra Mundial, a nova divisão do trabalho, por género, já não se relacionava com as necessidades da família, mas com os traços vistos como “naturais” dos homens e mulheres.

Uma vez que se considerava a natureza feminina mais sentimental, delicada, dócil e altruísta, as mulheres estariam vocacionadas a cuidar do lar e da família, dos doentes e dos idosos e, em especial, das crianças.

Logo, só seriam aceitáveis funções ligadas ao assistencialismo, às áreas da saúde ou da puericultura e do ensino.

Não obstante, sob total dependência e proteção dos varões, que continuavam a desempenhar os papéis dominantes na esfera pública.



SUSANA
SERPA SILVA

Afinal, esta redefinição, nada teve a ver com a libertação das mulheres ou com questões de igualdade, justificando-se, cada vez mais, a ação dos movimentos feministas.

Qualquer ousadia era logo conotada com maus costumes, a não ser que decorresse das extravagâncias consentidas às elites sociais e mundanas.

Basta dizer que o uso de cosméticos – em que a França foi pioneira – só foi aceite, noutras sociedades, após a Grande Guerra.

Elizabeth Cady Stanton (1815-1902). Feminista norte-americana e grande lutadora em prol dos direitos das mulheres. Foi presidente da National Woman Suffrage Association (1892 a 1900).

Fonte: <https://www.biography.com/people/elizabeth-cady-stanton-9492182>. ♦

